

A ENTONAÇÃO VALORATIVA NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM LEITURA NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

THE EVALUATIVE INTONATION IN THE MEANINGS CONSTRUCTION IN READING IN THE PORTUGUESE LANGUAGE TEXTBOOK

Jane Cleide dos Santos Bezerra ¹
<https://orcid.org/0000-0003-3900-7472>

Renilson José Menegassi ²
<https://orcid.org/0000-0001-7797-811X>

Resumo:

Neste trabalho, apresentam-se, analisam-se e discutem-se atividades de leitura propostas em livro didático de Português publicado no Brasil, a partir do conceito dialógico de entonação valorativa, enquanto elemento inerente às práticas sociais discursivas, com o objetivo de verificar sua manifestação presente nesse veículo de ensino de língua escrita. Para tanto, o estudo é pautado nos pressupostos do Dialogismo, a partir de Bakhtin (2003[1979]; Volóchinov (2019[1926]; 2017[1929]); Medviédov (2016[1928]). No plano metodológico, analisa-se uma sequência de perguntas de leitura a partir das características teóricas do conceito definido pelo Círculo, caracterizadas e sistematizadas por Bezerra (2020) e Bezerra; Menegassi (2021). Os resultados aduzem que a entonação valorativa, ao já ser considerada e trabalhada em atividades de leitura do livro didático, coopera para a assimilação, a reavaliação, a ampliação e a atualização do discurso em uso, a contribuir na construção de sentidos na leitura em situação de ensino.

Palavras-chave: entonação valorativa; ensino; leitura; livro didático de português.

Abstract:

In this paper, we present, analyze and discuss reading activities proposed in a Portuguese language textbook published in Brazil based on the dialogic concept of evaluative intonation, as an inherent element of social discursive practices, in order to verify its manifestation in this instrument of written language teaching. For this purpose, this study is based on the assumptions of Dialogism,

¹ Docente do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Arapiraca, Alagoas, Brasil.

² Docente do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutor em Letras pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Maringá, Paraná, Brasil.

underpinned in Bakhtin (2003[1979]; Volóchinov (2019[1926]; 2017[1929]); Medviédev (2016[1928]). In the methodology, a sequence of reading questions is analyzed from the theoretical features of the concept defined by the Circle, characterized and systematized by Bezerra (2020) and Bezerra; Menegassi (2021). The results infer that the evaluative intonation, as it has already been considered and worked in reading activities of the textbook, cooperates with the assimilation, re-evaluation, expansion, and updating of the discourse in use, to contribute to the meanings construction in reading in a teaching situation.

Keywords: intonation evaluative; teaching; reading; portuguese language textbook.

DA ENTONAÇÃO VALORATIVA NA LEITURA

Considerar que o sentido do discurso se efetiva em contextos de interação tem sido um posicionamento presumido entre pesquisadores da Linguística Aplicada. Interesse que tomou proporções no Brasil, a deduzir-se que os pesquisadores, ao admitirem tal premissa, coadunam de igual maneira com a compreensão do dizer estar condicionada à apreciação, constatação e utilização de elementos axiológicos na interação discursiva (BAKHTIN (2010[1986]). Essa postura, ao ser assumida, conclama a necessidade de se implementar, em situação de ensino, um trabalho com a leitura em perspectiva dialógica, por nela se reconhecer a interpretação como resultante de ações interlocutivas, ou seja, ações que, necessariamente, vindicam pelo estabelecimento da interação discursiva, seja verbal ou multissemiótica. Ao se acatar a interação discursiva, acata-se também os posicionamentos do Círculo de Bakhtin a seu respeito, entre eles, o de que interação é o elemento nuclear das relações intersubjetivas humanas. Essa constatação leva à compreensão de que a linguagem tem seus sentidos instituídos a partir das situações reais nas quais se manifesta. Nesse bojo, consiste a afirmação de que o dialogismo se revela como o cerne de todo intercâmbio linguístico, já que é na troca com o seu outro, que o indivíduo estabelece o ponto de encontro de opiniões e de visões de mundo e é também por essa via que o enunciado se avulta como um elo de uma cadeia infinda de enunciados (BAKHTIN, 2003[1979]).

Assim, o enunciado, na condição de discurso, sobrenada nas interações sociais estabelecidas por sujeitos historicamente situados em um dado espaço e em determinado tempo, portanto, sua compreensão está condicionada à sua vinculação a uma porção concreta da vida real na qual foi instituído, validado e é recebido. A dimensão valorativa da linguagem é uma das unidades que está na base da concepção dialógica da linguagem, porque a característica valorativa, enquanto juízo de valor construído socialmente, pertence à vida e dela extrai sua força e é também desse lugar que organiza tanto a forma do dizer quanto a entonação desse dizer (VOLÓCHINOV, 2019[1926]). Nesse contexto, Bakhtin (2010[1986]) adverte que o tom do discurso está sempre direcionado ao outro e à situação de interação estabelecida, visto que esse outro compartilha os valores sociais e históricos.

Na realidade, assumir essa postura é, sobretudo, aceitar a entonação valorativa como elemento inerente ao enunciado, fato que obriga o sujeito, na condição de leitor, a considerá-la na produção de sentido na leitura. São essas ponderações que movem o objeto deste estudo, pois, se é por meio da palavra, do discurso, que o sujeito se posiciona diante do seu outro e também diante da coletividade, então é preciso ressaltar que, para o Círculo, cabe à entonação valorativa o papel de desvelar os posicionamentos assumidos. A entonação tem caráter social e se manifesta edificando a valoração social de um determinado grupo, assim, por vezes, à entonação cabe a tarefa

de expressar o que a palavra não dá conta de dizer sozinha, a caracterizá-la como elemento axiológico e inerente da interação discursiva.

Mover-se nessa direção implica em reconhecer duas situações também significativas ao estudo. A primeira delas é a de que a linguagem, em contexto de ensino, trata o texto na condição de objeto de ensino-aprendizagem. Nesse aspecto, o livro didático, ao longo do tempo, tem se constituído em um instrumento muito expressivo nesse contexto, porque contempla, em seu bojo, mostra de manifestações legítimas da linguagem, ao disponibilizar os gêneros discursivos para o ensino da língua, em essência, a língua escrita, a trazer em si elementos do Dialogismo. Assim, leva à consideração de que o entendimento do texto somente se efetiva na medida em que a linguagem é situada em contextos de uso.

A outra situação refere-se à condição dada ao aluno como interlocutor do livro didático e das propostas ali disponibilizadas. Essa atitude lhe requer a assimilação do discurso do outro e das avaliações sociais construídas nesse discurso. Somente assim o aluno reagiria ativamente e se utilizaria de discursos produzidos na sociedade de forma crítica. Para tanto, precisa estabelecer um diálogo com o livro didático com o mundo por ele habitado. Na qualidade de elemento axiológico do discurso, a entonação auxilia na produção de sentidos, uma vez que favorece a interação entre o estudante, o texto e o mundo tangível, portanto, apresenta-se sumariamente importante à constituição valorada do discurso em produção. No entanto, esse elemento ainda tem sido pouco explorado nas práticas de ensino e aprendizagem de língua escrita, o que se constitui em uma das razões para tomá-la enquanto objeto de estudo e pesquisa (BEZERRA, 2020).

Nesse sentido, delinea-se como objetivo deste texto verificar a manifestação do elemento axiológico da entonação valorativa presente no livro didático de Português, considerado como veículo de ensino de língua escrita. Pauta-se, para isso, nos pressupostos do Dialogismo, a partir de Bakhtin (2003[1979]; Volóchinov (2019[1926]; 2017[1929]); Medviédov (2016[1928])). Para tanto, analisa-se uma sequência de perguntas de leitura a partir das características teóricas do conceito definido pelo Círculo, caracterizadas e sistematizadas por Bezerra (2020) e Bezerra; Menegassi (2021).

DA ENTONAÇÃO VALORATIVA NO DIALOGISMO

Para o Círculo de Bakhtin, o enunciado é a unidade viva da comunicação discursiva, pela qual se efetiva concretamente, uma vez que sempre provoca uma postura ativa daquele a quem se dirige. Essa relação estabelecida entre os sujeitos é marcada por um posicionamento responsivo-valorativo, em que a entonação valorativa é reputada como um dos elementos responsáveis pelo compartilhamento da valoração social no processo de interação discursiva. Por esse prisma, o enunciado é tratado na consideração do horizonte espacial e ideacional dos sujeitos falantes, a conferir-lhe a condição de elemento ideológico no fluxo da comunicação verbal, por isso, a situação extraverbal é tão cara ao Círculo. Enunciar é posicionar-se valorativamente, até porque a própria forma do discurso deve ser analisada sob dois ângulos: “em relação ao conteúdo, como sua avaliação ideológica, e em relação ao material, como realização técnica desta avaliação” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 133). Entre os elementos axiológicos, a entonação valorativa é discutida em todas as obras do Círculo, na condição de elemento fundamentado na vida concreta e acionado no processo de enunciação. Aqui, apresentam-se algumas dessas caracterizações

relacionadas a outros aspectos constitutivos do Dialogismo, por aceitar-se que, na condição de aspecto sonoro da expressão axiológica, também como imagem acústica, como memória discursiva, a entonação desempenha uma função bastante significativa tanto na organização quanto na expressão do dizer.

Nas discussões acerca da entonação, Medviédev (2016[1928]) parte da noção de avaliação social, a reputá-la como o elemento que dá cor ao sentido e ao som da palavra, numa metáfora ilustrativa. A esse respeito, Dahlet (1997, p. 250) esclarece que o sentido de voz, nos estudos do Círculo, “é mais de ordem metafórica, porque não se trata concretamente de emissão vocal sonora, mas de memória semântico-social depositada na palavra”. Na realidade, no discurso verbalmente expresso, a parte verbal tende a se apresentar acompanhada de outros elementos entonacionais, pois a fala é realizada pela voz do sujeito falante, por sua entonação, pelos gestos e, também, pelas expressões faciais, num conjunto axiológico. O sujeito, ao assumir o lugar de enunciador, adota um posicionamento em relação ao objeto de sua fala, que desvela uma relação emotivo-volitiva também com o outro a quem sua palavra é dirigida. O interesse e a empatia albergados nesse posicionamento são manifestos pela palavra, pelo discurso, via entonação valorativa, a significar que o sujeito, ao expressar uma atitude avaliativa em relação objeto, é forçado a se posicionar axiologicamente ante à situação pragmática (BAKHTIN, 2010[1986]). A voz, por essa óptica, é instaurada como um dos aspectos da avaliação social. É a partir desse universo acústico-apreciativo que a entonação é caracterizada nas obras do Círculo. Por essa via, o enunciado não pode ser compreendido se o interlocutor não puder acessar a atmosfera axiológica e a orientação avaliativa no meio social em que o enunciado foi instituído e recebido.

Nesse direcionamento, a avaliação social é responsável pela atualização histórica do enunciado, porque consegue reunir sua presença singular e abranger completamente o seu sentido. Para Medviédev (2016[1928], p. 185), “a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro, porém, ela encontra a expressão mais pura e típica na entonação expressiva”. Como a entonação congrega tanto a avaliação social quanto a expressão dessa avaliação, cabe-lhe o papel de manifestar as valorações comungadas socialmente, mas vale ratificar que as avaliações são atualizadas nos eventos sociais, logo, é preciso considerar o auditório para o qual o enunciado é orientado e a entonação é dirigida. Conforme ensina Medviédev (2016[1928], p. 189), até a fala interior “se orienta para um auditório hipotético, para uma resposta hipotética” e manifesta uma avaliação social e, somente assim, a palavra se incorpora no enunciado como expressão dessa avaliação. É nessa condição que o Círculo reputa a entonação como elemento materializador da avaliação social, porque lhe cabe a tarefa de exprimir no enunciado um posicionamento avaliativo.

Essa característica conduz ao entendimento de que a dimensão valorativa aflora da vida experimentada, justamente, por ser constituída gradativamente no meio social, pelas interações discursivas, a aproximar-se, substancialmente, do conceito de avaliação social. A lógica do enunciado é a lógica de sua manifestação no mundo concretizado, no qual o elemento afetivo-valorativo é manifestado. Assim, considerar a entonação como materializadora da avaliação social é aceitar que suscitaria as mais diversas apreciações sociais, logo, marca-se como coadjuvante na produção de sentido em leitura, característica defendida neste trabalho.

Para o Círculo, “a avaliação social organiza tanto a própria visão e compreensão do acontecimento transmitido – pois só vemos e compreendemos aquilo que, de uma maneira ou outra, toca-nos, interessa-nos – quanto as formas de sua transmissão” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 191). O que se pode compreender com isso é que, no delineamento da entonação valorativa, o Círculo admite que essa característica é inerente ao enunciado e não à palavra isolada, no entanto, ao se tomar qualquer palavra, a pronunciá-la com entonação, torna-se um enunciado pleno de valor social (BAKHTIN, 2003[1979]).

Nesse posicionamento, percebe-se um argumento incontestado de que os sentidos manifestos na linguagem são construídos a partir do contexto pragmático, isto é, o falante é orientado pelo interlocutor socialmente constituído, justamente porque “a situação social sempre determina qual será a imagem, a metáfora e a forma de enunciar” (VOLÓCHINOV, 2017[1929/1930], p. 210), a manifestar significado que permite a produção de diferentes sentidos.

A expressão é responsável pela organização da atividade mental, por sua orientação e por sua circunscrição. Nesse movimento, a entonação se inscreve como um dos elementos que organiza a própria expressão e nela se manifesta. Nesse bojo, todo dizer é socialmente dirigido, pois é em função do “outro” que se organiza a expressão do “eu”, já que, “na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade” (VOLÓCHINOV, 2017[1929/1930], p. 205). É conveniente lembrar que, para o Círculo, a palavra é reputada na condição de signo ideológico, logo, é de procedência social, uma vez que o sujeito-falante apreende a palavra nos eventos sociais nos quais se manifesta, o que implica afirmar que toda expressão individual é, similarmente, social. Para Volóchinov,

De fato, mesmo uma tomada de consciência simples e imprecisa de alguma sensação, por exemplo, da fome, não pode ser expressa para fora sem uma forma ideológica. Toda tomada de consciência precisa do discurso interior, da entonação interior e do estilo interior embrionário, uma vez que é possível tomar consciência da própria fome de modo suplicante, aflito, irritado, inconformado. É claro que enumeramos somente as orientações mais grosseiras e fortes da entonação interior, quando na verdade uma vivência pode ter uma entonação bastante sutil e complexa. Na maioria dos casos, a expressão exterior apenas continua e esclarece a orientação do discurso interior e as entonações contidas nele (VOLÓCHINOV, 2017[1929/1930], p. 207).

Vê-se que as condições pelas quais o sujeito se constrói determinam qual será o contexto valorativo e o horizonte social em que sua expressão é concebida. A expressão interior tem uma entonação interior vivificada pela vivência experimentada, por isso, a compreensão e a avaliação do discurso requisitam sua vinculação ao contexto extraverbal. Esse mesmo posicionamento aplica-se ao texto escrito - em suas considerações verbal e multissemiótica, na verdade, seja em qual for a situação de comunicação, os partícipes do evento precisam perceber os acentos valorativos, evidentes pela entonação. Na leitura do texto escrito, o leitor deve lembrar que a palavra é constituída a partir dos valores que os interactantes lhes atribuem em uma situação real de comunicação, a considerar que “As palavras ditas são repletas de subtendido e do não dito” (VOLÓCHINOV, 2019[1926]. Cabe à entonação manifestar a parte presumida do enunciado, a constituir a memória do grupo social que a produziu e a validou. Assim concebida, a entonação

age como um elemento que colabora com a efetivação do enunciado tanto do ponto de vista da seleção e da distribuição dos elementos que o compõe, quanto de sua própria expressão. É sob essa coerção do julgamento de valor social pressuposto que se organiza o enunciado e sua entoação, a ser o elo pactuado entre o discurso verbal e o contexto extraverbal e “as formas desse elo são diversas e cada uma delas condiciona as diferentes significações que as situações adquirem em momentos variados” (VOLÓCHINOV, 2017[1929/1930], p. 220).

É preciso destacar que é pela entonação que as valorações sociais são exteriorizadas, mas, ela própria não é o juízo de valor, *per si*. Sua manifestação se dá em estreita relação com o horizonte espacial e o contexto valorativo, porque “as palavras, nesse sentido, funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados” (MIOTELLO, 2008, p. 172). A entonação é responsável por desvelar os aspectos valorativos no todo da palavra, porque o tema do enunciado somente é exaurido na consideração da dimensão emotivo-volitiva em interação orgânica com o conteúdo e com sua expressão. Nesse aspecto, a interpretação na leitura somente se concretiza quando é feita a ligação com a vida comum dos participantes da comunicação, porque é na vida experienciada pelos indivíduos que o elemento semântico-axiológico significa.

Ainda cabe argumentar que, para o Círculo, os valores, as experiências, as opiniões compartilhadas sobre qualquer problemática a despeito das ações humanas sempre suscitam avaliações sociais positivas ou negativas, tais valorações só podem ser percebidas no enunciado, pela parte presumida, uma vez que não fazem parte do individual, mas, do coletivo. No processo de compreensão do dizer, em qualquer que seja a materialidade, falada, escrita, desenhada, fotografada, esculpida, retratada em imagens, por qualquer tipo de material utilizado para desenhar ou pintar etc., cabe ao interlocutor a interpretação do dito, para isso, precisa “identificar as características no meio social, para que a compressão do enunciado se qualifique, permitindo que a interação se instale e a enunciação se efetive, gerando o ato comunicativo” (MENEGASSI; CAVALCANTI, 2020, p. 102). Esses sentidos, nos mais variados níveis, são construídos no confronto, na luta, no embate, na controvérsia, no tensionamento entre um posicionamento e outro, a definir o ato comunicativo em que o sujeito se compromete com seu dizer.

Nessa linha de reflexão, os percursos individuais e coletivos são complementares, justamente porque o social e o objetivo estão na base, alicerçam o discurso, pois “aquilo que eu sei, que eu vejo, que eu quero e que eu amo não pode ser subtendido. Apenas aquilo que todos nós, os falantes, conhecemos, vemos, amamos e reconhecemos, aquilo que une todos nós, pode se tornar parte subtendida do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 120). As avaliações sociais e os julgamentos de valor são, por assim dizer, posicionamentos compartilhados socialmente, logo, todo enunciado carrega, em si, a apreciação pelo sujeito falante do dizer do outro e da forma desse dizer, daí defender que a entonação valorativa é eminentemente social, a permitir a produção de sentidos no processo da leitura.

DA ENTONAÇÃO VALORATIVA EM ATIVIDADES DE LEITURA

Apresenta-se, a seguir, uma mostra de como o enunciado é explorado a partir do conceito de entonação valorativa em atividades de leitura no livro didático de Português do Ensino Fundamental. Para tanto, selecionaram-se, na coleção *Português linguagens – 9º ano* (CEREJA; MAGALHÃES, 2015), atividades de leitura construídas em torno da crônica “Perfis de redes sociais são retratos ideais de nós mesmos”, de autoria de Antônio Prata, precisamente por se tratar de um gênero discursivo bastante utilizado nesse material didático. Para as análises, consideraram-se as seguintes características da entonação valorativa advindas do conceito definido pelo Círculo de Bakhtin, caracterizadas e sistematizadas por Bezerra (2020) e Bezerra; Menegassi (2021): a) elemento portador da avaliação social; b) elemento avaliador da palavra em uso.

A proposta de análise sustenta-se em dois princípios essenciais. O primeiro refere-se ao argumento defendido pelo Círculo de Bakhtin de que a linguagem se constitui na interação entre os sujeitos, a considerar a posição ocupada por eles, dentro de um determinado tempo e espaço. O segundo, ao próprio processo de didatização dos gêneros discursivos, visto que, ao serem disponibilizados nos livros didáticos para a construção das atividades de leitura, concretizam a linguagem nas enunciações em sala de aula, o que implica constatar que os gêneros são firmados nesse instrumento de ensino como a mais pura manifestação da linguagem, em sociedade. Nesse sentido, decorre a importância de se considerar a entonação valorativa na abordagem do texto, enquanto elemento de ensino de leitura e de escrita, justamente, porque, ao manifestar-se nas perguntas de leitura, ela coadjuva na construção dos sentidos na interação estabelecida, por conseguinte, contribui com a construção de posicionamento responsivo ativo do aprendente.

Os autores da coleção, Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2015), ao apresentarem a obra, esclarecem que as propostas de atividades de leitura tencionam colaborar com a formação do leitor competente, por isso, elegem “uma seleção criteriosa de novos textos [...] dos clássicos da literatura universal aos autores da literatura contemporânea brasileira -, comprometida com a formação de leitores de todos os tipos de textos e gêneros em circulação social” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 275). Cada unidade do livro está dividida em três capítulos, organizados a partir da temática norteadora da unidade. O capítulo selecionado tem como proposta geral estabelecer um debate acerca da avaliação que comumente as pessoas fazem de si mesmas, em busca da construção de sua identidade, logo, é delineado a partir do pressuposto de que o ser humano vive entre o real e o ideal. O tópico discursivo toma as redes sociais como exemplo de um espaço, em que as pessoas publicam o que gostariam que o outro soubesse a despeito de si próprias. O texto escolhido está incluso na Unidade 1 que, ao abordar o tema “Caia na rede”, objetiva discutir a relação dos alunos com a tecnologia, a sobrelevar sua influência sobre o comportamento humano.

PERFIS DE REDES SOCIAIS SÃO RETRATOS IDEAIS DE NÓS MESMOS

Desde as priscas eras do Orkut, em minhas perambulações pelas redes sociais, noto o fenômeno. Entro no perfil de uma moça e começo a olhar suas fotos: encontro-a ali ainda criança, vestida de odalisca, num Carnaval já amarelado do século 20; a vejo com seu cachorro, numa praia, recentemente; com uma turma na piscina de um sítio, no final da adolescência; numa 3 x 4 com o namorado, espremida na mesma cabine, talvez numa viagem à Europa.

Então, sem que eu me dê conta, um retrato puxa o meu olhar. Minha reação imediata, naquele interregno mental em que as pupilas já captaram a imagem, mas o cérebro ainda não teve tempo de processá-la, é de surpresa: como ela saiu bem nessa foto! Só um segundo depois percebo o engano: quem saiu bem não foi a garota do perfil, mas a Penélope Cruz, Marilyn Monroe, Sarah Jessica Parker ou outra atriz famosa, cuja imagem foi contrabandeada para aquele álbum por conta de alguma semelhança com sua dona. Olho as outras fotos. Comparo. E da distância - às vezes menor, às vezes maior - entre a estrela de cinema e a mulher do Facebook, surgem sentimentos contraditórios.

De início, topar com a destoante atriz me dava acerta pena: afinal, por mais bonita que fosse a moça, nunca alcançava a musa. "Será que ela acredita mesmo ser parecida com a Sharon Stone?", eu pensava com uma pitada de vergonha alheia, como se estivesse diante de uma pessoa incapaz de lidar com a realidade, uma pessoa com delírios de grandeza, com delírios de beleza.

Aos poucos, contudo, fui chegando à constatação óbvia de que todo perfil de rede social é um retrato ideal de nós mesmos. Se ponho um link para um filme de Woody Allen, se cito uma frase de Nietzsche; mesmo quando posto uma foto de um churrasco, não estou eu, também, editando-me? Tentando pegar esse aglomerado de defeitos, qualidades, ansiedades, desejos e frustrações e emoldurá-lo de modo a valorizar o quadro - engraçado, profundo, hedonista?

Pensando bem, nem precisamos ir até o exagero das redes sociais - essa versão caricaturada de nós mesmos. Toda vez que nos vestimos, que abrimos a boca para emitir uma opinião, toda vez que empurramos o mundo pra baixo e o corpo pra frente, dando um passo, de peito aberto, ombros curvados, de nariz empinado ou de olhos pro chão, estamos travando esta negociação entre o real e o ideal. Estamos enviando aos outros e a nós mesmos a soma de nossos fardos e de nossas aspirações.

Há pobres que se vestem de ricos e ricos que se vestem de pobres, magrelos que andam de braços arqueados, como se fossem musculosos, feiosos que entram em um restaurante crentes que são o George Clooney e possíveis galãs e divas que, ignorantes ou culpados por suas belezas, caminham por aí mais parecidos com Tims Burtons e Zezé de Macedos. No fim, acabamos sendo um meio-termo entre o ator e o roteiro que tentamos escrever.

Hoje, portanto, admiro as moças que colocam fotos de belas atrizes entre as suas. Vejo ali um pouco de ousadia, um pouco de esperança, e, acima de tudo, algo oposto ao que eu via antes: não um delírio, uma tentativa de fugir de si próprias, mas a capacidade de aceitarem-se na harmoniosa mistura entre o que são e o que gostariam de ser.

(PRATA, 2014 *apud* CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 45-46.)

A análise, como amostra representativa do elemento axiológico presente no livro didático, é realizada com a primeira atividade de leitura, composta por duas perguntas que permitem uma reflexão sobre a entonação, a partir de duas características. A primeira se sustenta na ideia de que a entonação é um elemento que se constitui em um fundo entonacional para o coletivo social do falante; a segunda abaliza-a enquanto um elemento que avalia a palavra em uso, ao mesmo tempo, pretende-se refletir como esse conhecimento é utilizado para a assimilação do enunciado. As perguntas estão localizadas na subseção “Compreensão e interpretação”:

1. O texto trata de um fenômeno que vem sendo difundido bastante nos últimos tempos, em todas as faixas etárias:

a) Qual é o fenômeno?

b) O narrador faz referência às “priscas eras do Orkut”. Qual é a avaliação apreciativa que se revela no emprego da palavra **priscas** para caracterizar o Orkut?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 46, grifo dos autores)

A crônica busca representar vivências assentes no tempo-espaço pelo narrador. Fato que corresponde ao que é defendido por Medviédev (2016[1928], p. 200), ao argumentar que “a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo de comunicação social”. Exatamente por isso, a construção de uma proposta de atividades seja para o trabalho com leitura, seja para o trabalho com a escrita, consideraria o gênero “como um conjunto de meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para o seu acabamento” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 200). Com efeito, na posição de leitor, o aluno-leitor é alguém alheio ao objeto-tema e, para sua assimilação, precisa inseri-lo em um contexto de vida concreta, a partir de uma posição valorativamente marcada.

Assim, a atitude responsiva ativa é gerada a partir da compreensão dos significados, uma vez que, ao determinar o acabamento do enunciado, concretiza-se a parceria entre o enunciado e o seu interlocutor. É desse raciocínio que a réplica é assumida como uma reação-resposta ao que foi manifestado, já que, no primeiro momento, exige-se do ouvinte a compreensão do que foi enunciado, em seguida, a transformação de sua compreensão em um novo dizer, a considerar sua visão de mundo, seu próprio estilo e sua avaliação social. Com isso, entendemos que replicar “não se trata apenas de poder oferecer uma resposta ao que foi dito pelo locutor, mas de compreender que a formação de um enunciado endereçado ao outro constitui, por si, uma possível resposta a outros enunciados que circulam na sociedade” (MENEGASSI, 2009, p. 152).

Toma-se, aqui, a primeira pergunta de leitura a) “Qual é o fenômeno?”, que decorre do próprio comando de atividade, com o objetivo precípua de instaurar o processo de apreensão do tema do enunciado. Para tanto, a proposta apresenta uma assertiva que conduz o aluno-leitor a realizar um movimento que exige reflexão e organização lógica do pensamento, o que demanda a instauração de “um trabalho efetivo de interação com o texto, para que a resposta seja produzida” (MENEGASSI, 2011, p. 27). Nesse caso, o enunciado geral da atividade afirma que “1. O texto trata de um fenômeno que vem sendo difundido bastante nos últimos tempos, em todas as faixas etárias”, na sequência, solicita que seja apresentado qual é o fenômeno aludido, entretanto, a sua resposta não está arrumada no texto de modo que o aluno-leitor possa transcrevê-la, é necessário inferir para poder compreender qual é o fenômeno abordado, é preciso produzir sentidos à solicitação. Assim, além de identificar alguns elementos linguísticos que servem de pistas textuais, deixadas pelo autor no texto, o aluno-leitor precisa retomar a pergunta no texto e organizar as informações, precisa interagir.

Como a pergunta de leitura visa encetar o tema do gênero, é imprescindível lembrar que o tema, na condição de um dos constituintes do discurso e designador do sentido, somente se efetiva

na interação discursiva, logo, carece dos aspectos entonacionais para ser devidamente expresso, conseqüentemente, exaurido, porque “qualquer palavra realmente dita não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo, contedúístico dessas palavras, mas também uma *avaliação*” (VOLÓCHINOV (2017[1929/1930], p. 233, grifo do autor). A significação ocorre quando o interlocutor em interação dialógica une o texto ao contexto.

Com efeito, o aspecto entonacional ocupa, no todo da palavra, a dimensão emotivo-volitiva em interação orgânica com o conteúdo e com sua expressão. Dessa maneira, as informações necessárias à produção da resposta à questão despontam, preliminarmente, na produção de inferências textuais, a partir de incursões no próprio texto, a possibilitar a produção de sentido. Não obstante, a tarefa de considerar a parte percebida do enunciado presume a inserção do aluno na esfera ideológica, em que o aspecto temático é corporificado, visto que, ao se guiar pelas pistas textuais, ele apreende o horizonte spatiotemporal no qual algumas ações são desenvolvidas e é justamente nessa dinâmica que o fenômeno a ser denominado é apreendido.

As marcas de temporalidade e espaço presentes na crônica, que permitem, por suas constatações, a construção da resposta à pergunta a), são distribuídas em cinco momentos distintos, apresentados e comentados no Quadro 1. Contudo, junto a essas marcas, há verbos que assinalam ações e movimentos realizados em um espaço específico: as redes sociais, a delimitar e conduzir o leitor à produção de sentidos necessários à identificação do tema, um exercício que necessariamente deveria ser orientado e ensinado ao aluno-leitor. Por esse viés, a retomada ao texto torna-se bastante significativa, visto que, “a partir de cada situação social e histórica definida, valores sociais relacionados ao tema tratado no enunciado e aos interlocutores envolvidos na interação se apresentarão jacentes” (POLATO, 2017, p. 38).

Tal conhecimento das materialidades linguísticas autoriza o leitor a realizar, logo no início, uma espécie de inventário das marcas temporais e as respectivas ações descritas na narrativa, a ter como ponto de partida o enunciado verbalmente expresso nas primeiras linhas da crônica: “*Desde as priscas eras do Orkut, em minhas perambulações pelas redes sociais, noto o fenômeno.*”. Esse agir é o que permitiria a produção de sentidos que conduz à percepção do fenômeno mencionado, por consequência, auxilia na organização da resposta à pergunta “a) Qual é o fenômeno?”, a partir da determinação do tema presente na crônica. Para elucidar, o Quadro 1 apresenta o possível processo de construção e apreensão do tema pelo leitor, a partir das marcas textuais e da produção de sentidos que os elementos axiológicos inerentes permitem.

Quadro 1: Informações para a instauração do processo de apreensão do tema

TEMPO	AÇÃO/MOVIMENTO	ESPAÇO	AValiação Social Possível
<i>“Desde as priscas eras do Orkut”</i>	<i>“em minhas perambulações pelas redes sociais, noto o fenômeno.”</i>	Rede social Orkut	O movimento de perambular nas redes sociais é apresentado com o início expressamente marcado no texto e torna-se extensivo a outros pontos e a outros momentos expostos na crônica. Fato que evidencia a valoração de credibilidade à avaliação feita pelo narrador, em torno da ação de perambular nas redes sociais, configurando-a como um acontecimento social realizado cotidianamente.
Tempo extensivo referente ao momento da produção do texto (ano de 2014)	<i>“entro no perfil de uma moça”</i>	Rede social Facebook	A extensão do movimento é tão acentuada pelas ações verbais desenvolvidas no texto (<i>“entro”</i> ; <i>“começo”</i> ; <i>“encontro”</i> ; <i>“olho”</i> ; <i>“comparo”</i> etc.), a permitir ser abalizado na condição de uma prática social compartilhada, portanto, passível de ser realizada por outros sujeitos.
	<i>“começo a olhar suas fotos”</i>		
	<i>“encontro-a ali”</i>		
	<i>“percebo o engano”</i>		
	<i>“olho as outras fotos”</i>		
<i>“comparo” (as fotos)</i>			
<i>“De início”</i>	<i>“topar com a destoante atriz me dava certa pena”</i>	Redes sociais	Por não se tratar de uma marca de temporalidade cronológica, mas, sim, psicológica, a expressão <i>“De início”</i> , suscita fatos e acontecimentos de ordem emocional, a exemplo da entonação de piedade exteriorizada pelo narrador (<i>“certa pena”</i>).
<i>“Aos poucos”</i>	<i>“fui chegando à constatação óbvia de que todo perfil”</i>	Redes sociais	A expressão delineia um movimento com extensão espaciotemporal, já que remete a algo que se institui, gradativamente, a partir de uma determinada progressão de tempo, mesmo que não possa ser cronologicamente marcado. Fato que admite a manifestação de valores que conferem o caráter de confiabilidade às conclusões do narrador, ao final da crônica, pois revela, de forma valorativa, que os resultados das apreciações feitas ao longo do texto são frutos de um processo de intensa reflexão, o que demanda tempo.

“Hoje”	“admiro as moças que colocam fotos de belas atrizes”	Redes sociais	O advérbio (“Hoje”) marca o final de um movimento iniciado e estendido no espaço e no tempo, à medida que prepara o interlocutor para, a partir das apreciações realizadas e descritas na narrativa, perceba as possíveis alterações comportamentais e atitudinais do enunciador.
	“vejo ali [...] algo oposto ao que eu via antes”		

Fonte: Os autores (2021).

Ao assimilar, pelas pistas textuais, o horizonte espaciotemporal (“Desde as priscas eras do Orkut”, “De início”, “Aos poucos”, “Hoje”, Redes sociais – Orkut, Facebook), o leitor percebe os múltiplos movimentos delimitados pela temporalidade, em ordem cronológica, inclusive marcados em um único espaço: as redes sociais citadas na crônica. Para se chegar a esse entendimento, nas inferências realizadas a partir do percebido pelo discurso, algumas situações extraverbais circunscritas internamente no enunciado vêm à tona, junto aos juízos de valor ali compartilhados, até porque, “a escolha do conteúdo e a escolha da forma é um mesmo ato que afirma a posição fundamental do criador e nele se expressa uma mesma avaliação social” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 134). Nesse ínterim, o cronista, enquanto autor-criador, faz uso da parte percebida e da parte presumida para reagrupar os valores, a serem trabalhados junto ao aluno-leitor, não somente como um mero exercício linguístico de identificação de marcas temporais no texto.

Consoante às informações dispostas no Quadro 1, ao reconhecer as situações representadas na relação tempo-espaço, o leitor pressupõe como uma resposta possível que o fenômeno tratado no texto corresponde à ideia de “estar ligado às redes sociais”. Ao retomar o texto para responder à pergunta de leitura, ele percebe que há movimentos e ações anteriores à enunciação, marcados na expressão “Desde as priscas eras”, já como uma marca valorativa temporal, característica de entonação valorativa a ser proposta como base para a produção de sentidos ao tema da crônica. Nessa perspectiva processual discursiva-valorativa, o leitor identifica a presença de verbos que marcam o tempo correspondente ao momento da produção do gênero, tais como, “noto”, “entro”, “vejo”, “comparo” etc. Na sequência, constata que o texto é edificado por meio de uma ação prolongada, a expressar a noção tanto de duração quanto de continuidade das ações, por meio de expressões como, “De início, topar”; “Aos poucos, contudo, fui chegando”; “se ponho um link”; “se cito uma frase”, entre outras. Dessa maneira, é possível afirmar que se um fenômeno é uma ocorrência observável, então, o aluno-leitor, a partir de suas incursões orientadas no texto, consegue observar que: a) há um acontecimento discursivo descrito pelo narrador; b) é possível inferir que outras pessoas, incluindo ele próprio, participam de acontecimentos similares na vida real, ou seja, entram em espaços virtuais e veem fotos, notam pessoas, leem frases citadas ali, entre outras ações.

A denominação do fenômeno em torno do qual o tema do gênero é desenvolvido não aparece explicitamente no texto, porém é entonada na identificação das ações do narrador e no reconhecimento de que outros seres, no mundo concreto, realizam práticas semelhantes. Assim, o acontecimento relatado é notado pelo narrador, entretanto, também é notado por outras pessoas. Para isso, todos precisam ter acesso às redes sociais. Em outras palavras, “estar ligado às redes

sociais” se constitui na resposta da pergunta a), como o fenômeno tratado na crônica. Esse entendimento ocorre a partir da consideração de que as ações expostas na crônica manifestam práticas sociais desenvolvidas em outros grupos, contudo, tal avaliação social, como toda expressão axiológica, por estar implícita no texto, carece de entonação para se manifestar. Tem-se, aqui, uma das características da entonação axiológica, isto é, “a entonação é firmada nas práticas compartilhadas dos grupos sociais que a manifestam, esse apoio é o que proporciona sustentação e firmeza ao enunciado, na prática, a entonação forma um fundo entonacional para o coletivo social do falante” (BEZERRA, 2020, p. 85).

Outrossim, as redes sociais admitem um tipo de ligação que se expande e se firma temporalmente. Por essa razão, o autor finaliza o texto com um advérbio que, ao marcar o tempo da produção do enunciado (“Hoje”), também prepara o leitor para assimilar o reposicionamento do enunciador em relação aos usuários das redes sociais. Essa leitura seria compreendida como um processo intelectual que presume uma interpretação das relações espaciais e temporais que não estão expressas na materialidade linguística. Isto posto, reafirma-se que a proposta da atividade discutida inaugura o movimento de apreensão do tema do enunciado, a mover o olhar do leitor para questões relacionadas ao tempo-espaço e às prováveis relações dialógicas a serem estabelecidas a partir desse movimento. Porquanto, se por um lado o conteúdo temático de um gênero só pode ser compreendido ao se levar em conta um espaço determinado, situado em um tempo específico, em uma dada época, por outro, os valores ali comungados são, prioritariamente, desvelados na consideração da entonação valorativa, pelos subentendidos de juízos da valores. Daí, defendê-la como coadjuvante na produção de sentidos para a construção de respostas às perguntas de leitura feitas ainda no nível textual, mas que requerem uma compreensão inferencial extratextual, a exemplo da questão a), justamente, porque esse tipo de pergunta pleiteia encetar o tema, a partir de um processo gradual de leitura, já que “cada tema possui seu próprio cronotopo” (BAKHTIN, 2014b [1975], p. 357).

Na sequência, o comando da atividade correspondente à questão “b) O narrador faz referência às “priscas eras do Orkut”. Qual é a avaliação apreciativa que se revela no emprego da palavra **priscas** para caracterizar o Orkut?” considera a palavra em uso, para tanto, solicita explicitamente que o aluno avalie o emprego do vocábulo “priscas”, utilizado pelo narrador da crônica, como elemento caracterizador do Orkut, inclusive a empregar os termos “avaliação apreciativa”. Na coleção, o dicionário é uma das ferramentas mais utilizadas, uma vez que é sugerida sua consulta em quase todas as unidades, com o argumento de que o aluno precisa estar ciente “dos diferentes significados de uma mesma palavra para a escolha do significado mais adequado de uma palavra num determinado contexto” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 290). Nessa dinâmica, o aluno-leitor é compelido a confrontar o sentido do termo plantado internamente na consciência individual com os sentidos manifestos em situações reais de comunicação, como a da crônica.

Com base nesse entendimento, arrisca-se defender que a atividade leva em conta a capacidade de mobilidade própria do signo que é, necessariamente, marcada na modalidade apreciativa da entonação, porque a forma pela qual a proposta de atividade é sistematizada coaduna com a visão do Círculo de que a entonação organiza a expressão e, ao mesmo tempo, manifesta-se nela (MEDVIÉDEV, 2016[1928]). Dessa maneira, os índices de valor comportados na palavra devem ser levados ao tensionamento, já que é no confronto que os valores são suscitados, pois,

A avaliação social estabelece sempre uma ligação orgânica entre a presença singular do enunciado e o caráter geral de seu sentido [...], leva-nos além dos limites do enunciado para outra realidade. [...] Ela escolhe o objeto para qual está orientado o ato ou o conhecimento. Assim, cada época tem seu conjunto de objetos do conhecimento, seu conjunto de interesses cognitivos. O objeto entra no horizonte cognitivo e concentra em si a energia social, somente na medida em que isso é imposto pelas necessidades efetivas de dada época e de dado grupo social (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 190).

Ao ser solicitada a avaliação de uma palavra, o próprio comando de atividade já instaura a necessidade de considerar a noção discutida pelo Círculo de Bakhtin (2003[1979]) de que palavra em uso manifesta na e pela entonação o elemento afetivo, próprio da natureza humana, organizador de suas ações. Assim, para a análise dessa questão, toma-se por base outra característica apontada por Bezerra (2020, p. 85), a de que “a entonação avalia a palavra em uso, o que permite sua atualização, ou seja, contribui com a assimilação, a reavaliação e a reelaboração da palavra-discurso”. O vocábulo “prisca” se apresenta definido no livro didático, logo após a exposição da crônica, a partir de três possibilidades de uso, a servir de suporte ao aluno. As alternativas dadas são descritas na seguinte ordem: “**prisca**: antiga, velha, primeira” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 46, grifo dos autores). Cabe ao aluno escolher, dentre sua apreciação valorativa, entre as opções oferecidas, aquela que melhor se ajusta aos propósitos da narrativa. Ao enfatizar que o estudante deve assimilar a avaliação apreciativa feita pelo narrador ao empregar a palavra “priscas”, é esperado que exceda os limites do termo dicionarizado, a apropriar-se dos valores concretizados na sua expressão social possível, no contexto de uso.

Como já afirmado, a entonação é assumida neste estudo enquanto elemento que materializa a avaliação social, perante o posicionamento avaliativo expresso no enunciado, o que implica afirmar a imprescindibilidade de se estabelecer relações dialógicas entre os interlocutores e o objeto, a desvelar os aspectos emotivos e valorativos do discurso, seja na produção, seja na recepção. O primeiro ponto a refletir é o uso não frequente do termo “priscas” no cotidiano do aluno, o que força a percepção de qual entonação seria assimilada a partir da leitura da crônica. A palavra “prisco”, do latim *priscus*, significa “antigo, velho”, geralmente, é usada na expressão “em priscas eras”, como o significado de antigamente. Trata-se, pois, de uma referência feita a tempos idos, a períodos tão remotos que dificulta a precisão exata em cronologia. É uma menção que passa a determinar algo que existia e que dele se guarda determinada memória, a que se pode recorrer.

O termo para o qual a pergunta de leitura solicita um significado é apresentado no primeiro parágrafo da crônica, especificamente, na assertiva de que o narrador começou a acompanhar usuários de redes sociais a partir do Orkut: “*Desde as priscas eras do Orkut, em minhas perambulações pelas redes sociais, noto o fenômeno.*”. O fenômeno de referência na crônica consiste na ideia de que o ser humano está, indiscutivelmente, ligado às redes sociais. Ao lançar mão dessa temática, a atenção do aluno-leitor se voltaria à ênfase dada pelo narrador concernente ao hábito desenvolvido (“Desde as priscas eras do Orkut”) de analisar as postagens e de fazer apreciações a despeito do que observa.

Em extensão, a narrativa do autor conduz o leitor à percepção de que nem sempre suas avaliações manifestam um caráter positivo. Aliás, a entonação exteriorizada nas avaliações feitas

a despeito dos internautas, no primeiro momento da crônica, é de cunho negativo, posto que, de acordo com seu ponto de vista, os usuários das redes sociais não tinham coragem de se revelar como realmente eram, seja física e emocionalmente, então, se apresentavam de forma caricaturada naquele espaço social. O narrador relata, inclusive, o fato de ter ficado chocado e, ao mesmo tempo, indignado por ter percebido postagens de fotos de atrizes, tidas como ícones de beleza, no perfil de uma internauta, amalgamadas às suas próprias fotos, conforme se expõe na narrativa: “[...] *como ela se saiu bem na foto. Só um segundo depois, percebo o engano: quem se saiu bem não foi a garota do perfil, mas a Penélope Cruz, Marilyn Monroe, Sarah Jessica Parker ou outra atriz famosa, cuja a imagem foi contrabandeada para aquele álbum por conta de alguma semelhança com sua dona.*”. A percepção do seu próprio engano, somada à informação de que as imagens das atrizes tinham sido contrabandeadas, revela o aspecto negativo entonado na avaliação. A ação de contrabandar não agrega uma valoração social benéfica, ao contrário, agrupa um conjunto de valores contraproducentes, inclusive, as possibilidades dadas nos dicionários de língua portuguesa convergem para esse entendimento, uma vez que apontam para uma ação não autorizada, ou seja, feita de forma clandestina. Tome-se, como exemplo, alguns termos sugeridos como sinônimos para a palavra **contrabandar**: “fraudar”, “furar”, “roubar”, “saquear”, “desviar”, entre muitos outros (www.sinonimos.com.br/contrabandar/). Vê-se, pois, que os sentidos produzidos por esses termos, ao serem usados em contexto da vida concreta, não são bem avaliados socialmente, por juízos de valores já definidos em sociedade.

Ancorado nessas elucubrações, o aluno-leitor relaciona o posicionamento do narrador à caracterização do Orkut por meio da palavra “priscas”, já que a questão b) solicita uma avaliação apreciativa do aprendiz sobre o seu emprego no texto. Para tanto, é importante que ele seja orientado a buscar informações extratextuais, para poder interpretar o que se pede e construir uma resposta cujo sentido seja produzido a partir das relações estabelecidas, porque espera-se que o aluno se utilize de sua capacidade crítica de analisar, refletir e julgar aquilo que lê, de interpretar, na realidade. A interpretação ocorre a partir do lugar sócio, histórico e ideologicamente ocupado pelo leitor frente ao texto que lhe é disponibilizado.

Uma ação que serve como exemplo para a ampliação do conhecimento do aluno é a pesquisa orientada que, neste caso, seria feita em sítios da internet. Tomando o Orkut como exemplo de uma rede social a ser pesquisada, por ter sido explicitamente citada na crônica, chega-se à construção de um banco de dados significativos à produção da resposta a ser dada pelo aluno-leitor. Do ponto de vista espaço-temporal, o Orkut³ se constitui em uma rede social criada em janeiro de 2004 e desativada em setembro de 2014. Enquanto espaço virtual de relacionamentos, durante os dez anos de sua existência no Brasil, a rede contou com mais de 30 milhões de internautas. O cadastro para se ter acesso à rede era realizado em três categorias distintas, social, profissional e pessoal, a considerar as necessidades e os interesses de cada usuário. A inclusão do usuário, a exemplo de outras redes, permitia a inserção de fotos, de vídeos e de postagens em geral. Atualmente, os mesmos serviços do Orkut são oferecidos pelo Facebook e o Instagram, também rede sociais muito conhecidas dos brasileiros.

³ Informações retiradas do Blog: Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilescuela.uol.com.br/informatica/orkut.htm>>. Acesso em: 19 out. 2021.

De posse desse conhecimento, o aluno é impulsionado a comparar o Orkut com outras redes sociais atuais, que já conhece e utiliza, com a finalidade de perceber que os ambientes virtuais, na contemporaneidade, são pautados em práticas vivenciadas por redes antigas, mas, também, oferecem novas possibilidades de acesso e de utilização. As redes sociais se atualizaram para atender às novas demandas de usuários, a inferir que o tema “atualização” é a entonação valorativa do texto. O Orkut teve suas práticas atualizadas em novas versões de redes sociais, a exemplo do Facebook, também citado na crônica, de igual modo, o narrador precisou atualizar seus posicionamentos frente aos usuários de redes virtuais. É significativo esclarecer que o livro didático não apresenta nenhum elemento ou situação que sirva à contextualização do termo Orkut como algo que está em desuso, a não ser a própria expressão “Desde as priscas eras”, o que torna substancial compreender que, para analisar a entonação que avalia o Orkut como algo obsoleto, deve-se partir de pesquisas que permitam construir significados para a expressão, mais especificamente para a palavra “prisco” destacada na atividade de leitura do livro didático.

Ao assimilar essas nuances valorativas, possivelmente, o aluno-leitor responderá que a avaliação apreciativa que se revela no emprego da palavra “priscas”, para caracterizar o Orkut, aponta para a ideia de que o “Orkut está ultrapassado”, da mesma forma que estavam obsoletas as ideias do narrador, sobre as postagens dos usuários. A entonação valorativa que manifesta a necessidade de atualização de práticas ultrapassadas é confirmada na última linha da crônica, quando o narrador explica que não mais avalia as postagens dos usuários de redes sociais, como uma tentativa de fuga de si mesmos. Para ele, essas postagens mostram a “*capacidade de aceitarem-se na harmoniosa mistura entre o que são e o que gostariam de ser*”.

O reposicionamento de uma palavra, a exemplo de “priscas”, somente pode ocorrer mediante a consideração dos valores manifestados no momento de interação discursiva. Para Stella (2005, p. 178), “são esses valores que devem ser entendidos, apreendidos, e confirmados ou não pelo interlocutor”. O aluno, para responder à atividade b), necessita produzir uma valoração comum. Daí afirmar que o presumido não se limita à consciência individual, mas, sim, a grupos sociais, visto que as palavras estão impregnadas de subtendidos, ou seja, “aquilo que é chamado de “compreensão” e de “avaliação” do enunciado (a concordância ou a discordância) sempre abarca, além da palavra, também a situação extraverbal da vida” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 129], grifos do autor).

A apreciação de uma palavra tem como fundamento base as relações dialógicas, porque os discursos são atualizados no encontro com outras vozes sociais que também dialogaram, debateram, concordaram, discordaram com o sujeito. É por isso que, na vida real, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação que gera uma significação objetiva específica, a penetrar no horizonte imediato e social mais amplo de um grupo social.

DA ENTONAÇÃO VALORATIVA NO LIVRO DIDÁTICO

Neste texto, assumem-se três posicionamentos significativos ao alcance do objeto. O primeiro refere-se à concepção de que a linguagem se efetiva no livro didático de Português por meio dos gêneros discursivos, nele depositados, para o ensino da língua escrita. O segundo, que esse instrumento é edificado como bastante significativo no processo de ensino e de aprendizagem, por se constituir em um apoio tanto à formação quanto ao desenvolvimento do aluno-leitor. O

terceiro posicionamento diz respeito ao argumento defendido de que o conceito de entonação valorativa é um dos elementos que manifesta a avaliação social presente em todo processo de comunicação, esta, por sua vez, se estabelece por meio do enunciado nos mais diversos gêneros, logo, o livro didático, como *locus* que abriga o enunciado e, conseqüentemente, as perguntas de leitura geradas em torno dele, admite a manifestação da entonação valorativa que, ao ser considerada nos processos de ensino, contribui com a construção de sentidos na leitura.

É necessário ressaltar que, para dar conta da análise das atividades de leitura aqui realizada, optou-se pelo embasamento na concepção de avaliação social oriunda do Círculo de Bakhtin, bem como em duas características da entonação valorativa apontadas por Bezerra (2020) e Bezerra; Menegassi (2021), a partir dos estudos das obras ali produzidas. Essa opção se deu por se considerar que esse recorte, de ordem puramente metodológico, atende de maneira mais precisa ao objetivo do trabalho. Trata-se de um esclarecimento bastante pertinente para lembrar que, como amostra representativa de uma proposta de trabalho com leitura, a albergar a noção de entonação valorativa, as caracterizações sistematizadas e discutidas, por vezes, se apresentam fundidas em um mesmo enunciado. É preciso, ainda, sobrelevar que a análise se limitou às propostas de atividades organizadas em torno de um gênero crônica, disposto em uma coleção de Língua Portuguesa, logo, tornou-se inviável realizar também a avaliação das entonações do gênero, propriamente dito, mas, somente considerar a relação deste com as perguntas de leitura. Nesse sentido, constata-se que

- i. A entonação na condição de elemento do discurso se constitui em um fundo valorativo para o coletivo social do falante – pergunta a).

As questões de leitura que admitem a manifestação dessa característica vindicam pela reconstrução da imagem metafórica da dimensão social que legitimam as práticas sociais. É no coletivo social do falante que as práticas são fundadas e somente na consideração do coletivo social podem ser avaliadas como adequadas ou inadequadas, certas ou erradas, úteis ou inúteis etc. A pergunta de leitura solicita que o aluno diga qual é um fenômeno, mas não o denomina explicitamente, são pelas marcas entonacionais que o aluno deve se guiar para alcançar a resposta, tais marcas suscitam práticas sociais compartilhadas. A ação de estar ligado às redes sociais se constitui em uma informação validada no reconhecimento das práticas sociais ligadas ao uso das tecnologias, ao apoiar-se nessas práticas, o aluno-leitor garante a compreensão do dizer;

- ii. A entonação é elemento avaliador da palavra em uso – pergunta b).

O aprendiz, para responder questão dessa natureza, precisa: a) reconhecer o sentido da palavra em uma porção concreta da vida, para tanto, é preciso fazer uma leitura pelo viés dialógico. É, pontualmente, a recorrência ao contexto extraverbal, que permite a recuperação da valoração social albergada nas palavras, fato que, por vezes, conduz o aluno a fazer uma pesquisa, como foi o caso da palavra Orkut; b) confrontar valores, porque é no confronto entre o interior e o exterior que a palavra ganha significado; c) fazer uma nova avaliação da palavra, considerando a proposta de atividade que deve responder, visto que é a reavaliação do significado da expressão que atualiza

o sentido. É preciso ficar atento que é no processo de atualização do discurso que se percebe as refrações da palavra e que o seu reposicionamento é uma decorrência dessa compreensão.

Assim, cumpre-se o objetivo do estudo de verificar a manifestação do elemento axiológico da entonação valorativa presente no livro didático de Português, considerado como veículo de ensino de língua escrita.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de: MIOTELLO, V.; FARACO, C. A. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010[1986].

BEZERRA, J. C. **A entonação valorativa em livros didáticos de português dos anos finais do ensino fundamental**. 2020. 226 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2020.

BEZERRA, J. C.; MENEGASSI, R. J. A entonação valorativa em atividades de leitura no livro didático de português. *In*: BELOTI, A. POLATO, A. M.; BRITO, A. (org.). **Dialogismo e ensino de línguas: reflexos e refrações na práxis**. Campo Mourão (PR), Editora Felcicam, 2021, p. 28-48.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português linguagens**. 9.º ano. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

DAHLET, V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 263-279.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de: GRILLO, S.; AMÉRICO, E. V. São Paulo: Contexto, 2016[1928].

MENEGASSI, R. J. Aspectos da responsividade na interação verbal. **Revista Língua e Letras**, v. 10, n. 18, p. 147-170, 2009.

MENEGASSI, R. J. Produção, ordenação e sequenciação de perguntas na avaliação de leitura. *In*: ETURION, R; CRUZ, M. BATISTA, I. M. (org.). **Linguagem e(m) interação-Línguas, literatura e educação**. Cáceres-MT: Editora UNEMAT: 2011, p. 17-35.

MENEGASSI, R. J.; CAVALCANTI, R. S. M. Conceitos axiológicos do dialogismo em propaganda impressa. *In*: FUZA, A. F.; OHUSCHI, M. C. G; MENEGASSI, R. J. (org.). **Interação e escrita no Ensino de língua**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2020, p 99-118.

MIOTELLO, V. Ideologia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 167-176.

POLATO, A. D. M. **Análise Linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico**. 2017. 232f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/def_adriana_delmira_mendes_polato_do.html>. Acesso em: 15 out. 2021.

STELLA, P. R. Palavra. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, 177-190.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2017[1929/1930].

VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de: GRILLO, S.; AMÉRICO, E.V. São Paulo: Editora 34, 2019[1926].